

# CADMO

Revista do Instituto Oriental  
Universidade de Lisboa

15

天十廿三廿十  
廿十廿三廿十  
廿十廿三廿十  
廿十廿三廿十

**SILVIA SCHROER**, *Die Weisheit hat ihr Haus gebaut. Studien zur Gestalt der Sophia in den biblischen Schriften*, Matthias-Grünwald-Verlag, Mainz 1996. ISBN 3-7867-1951-9

Reunidos há quase uma década, os nove estudos da Autora mantêm a actualidade num país carente de investigação bíblica e teológica. São tentativas sérias de interpretação dos textos bíblicos no quadro da chamada teologia/exegese feminista, como se patenteia em subtítulos e epígrafes de partes sectoriais.

Na impossibilidade de os apresentar como mereceriam, aponto o conteúdo e chamo a atenção para alguns aspectos. Remeto o especialista para a Obra e elucido o público interessado sobre o conteúdo essencial.

Centra-se este na sabedoria bíblica, entendida em sentido próprio, ou seja, enquanto se espelhou e condensou nos chamados livros sapienciais – *Provérbios*, *Job*, *Eclesiastes* (a que uma aberrante moda litúrgica chama com o nome original de função [!] Kohelet), *Ben Sira* e *Sabedoria*. Sete dos nove estudos já tinham aparecido em revistas da especialidade. Novos são o I e o VI.

«I. Weisheit auf dem Weg der Gerechtigkeit (Spr 8,20)», pp. 12-25; «II. Die göttliche Weisheit und der nachexilische Monotheismus», pp. 27-62; «III. Weise Frauen und Ratgeberinnen in Israel – Vorbilder der personifizierten Weisheit», pp. 63-79; «IV. Und als der nächste Krieg begann... Die weise Frau von Abel-Bet-Maacha (2 Sam 20, 14-22)», pp. 80-89; «V. Abigajil – eine kluge Frau für den Frieden», pp. 90-95; «VI. Der eine Herr und die Männerschaft im Buch Jesus Sirach. Frauenbild und Weisheitsbild in einer misogynen Schrift», pp. 96-109; «VII. Die personifizierte Sophia im Buch der Weisheit», pp. 110-125; «VIII. Jesus Sophia. Erträge der feministischen Forschung zu einer frühchristlichen Deutung der Praxis und des Schicksals Jesu von Nazaret», pp. 126-143; «IX. Der Geist, die Weisheit und die Taube. Feministisch-kritische Exegese eines zweittestamentlichen Symbols auf dem Hintergrund eines altorientalischen und hellenistisch-frühjüdischen Traditionsgeschichte», pp. 144-175.

Destaco «A sabedoria divina e o monoteísmo pós-exílico» (II), «Mulheres sábias e conselheiras em Israel» (lição das provas de habilitação, III) e «O Espírito, a sabedoria e a pomba» (IX).

Salienta-se o facto de a sabedoria personificada de *Provérbios*, *Ben Sira* e *Sabedoria*, aparecer como mulher (tanto o hebraico *hochma* como o grego *sophia* são substantivos femininos). «O significado do apelativo 'mulher' na personificação da 'sabedoria' é uma chave essen-

cial para a sua recta compreensão. Só por este caminho encontraremos uma explicação para a pergunta por que motivo só depois do exílio se aceitou a herança das deusas do Antigo Oriente sem polémica, enquanto essas deusas foram demonizadas e recalcadas até ao exílio em grande parte da literatura bíblica» (p. 30). Na verdade, «a sabedoria personificada integra as deusas do Antigo Oriente e helenistas em mitologia reflectida, mais, ela vive da linguagem, da teologia e da força da veneração da Maat, de Hathor e de Ísis» (p. 53). Isso foi possível, porque se deu uma mudança na imagem e no estatuto da mulher em Israel depois do exílio. Foi aí que o Escrito Sacerdotal acentuou que homem e mulher são imagem de Deus, que a mulher tem direito a um nome e à participação na herança com os irmãos (Job 42,13-15), que o *Livro de Rute* vinca a solidariedade feminina, que Esdras lê a Lei a homens e mulheres (Ne 8,1-3; 10,29-30), que a mulher de Job toma uma posição teológica (Job 2,2-10), p. 44.

A lição de habilitação (agregação) pretende dar um contributo para a exegese crítica-feminista investigando «um dos papéis da *hochma* personificada no pano de fundo do seu *Sitz in der Literatur* e *Sitz im Leben* no antigo Israel, nomeadamente o papel da sabedoria como mulher sábia e conselheira» (p. 64). A análise parte do *Livro dos Provérbios*, entranha-se em *Samuel* e *Reis*, terminando no Novo Testamento e nos nossos dias. Como salientam numerosos exegetas, a «imagem de Deus como sabedoria da época do judaísmo primitivo... marcou de tal modo o cristianismo nascente e os seus escritos que não pode ser subestimada. Jesus e João entendem-se como enviados da *sophia* e uma das mais antigas Cristologias da Igreja deve ter sido a Cristologia-Sophia, que no próprio Jesus reconhecia a sabedoria que, enviada por Deus, foi rejeitada pelos homens e de novo regressou ao céu» (p. 76). A sabedoria «integra a deusa sem deitar fora o monoteísmo judeo-cristão. É uma instância intermediária entre Deus e homem, céu e terra, como Jesus Cristo, e assim se ligam por ela a transcendência e o céu com a feminilidade. (...) Num mundo em que a divisão (fissão nuclear, dualismo, apartheid, sexismo, anti-semitismo, conflito Norte-Sul) ameaça diariamente e concretamente a nossa vida, a função de uma espiritualidade cristã da *sophia* parece um caminho promissor para o futuro...» (*ibidem*).

«O Espírito, a sabedoria e a pomba. Exegese crítica-feminista de um símbolo do Segundo Testamento no pano de fundo da sua tradição oriental e helenista-judaica primitiva» (IX) é um dos estudos mais originais e, ao mesmo tempo, a maior fonte de dores de cabeça para a Autora. Terá sido uma das razões para o bispo de Rottenburg não a

aceitar para a cátedra universitária (em Tubinga?) de Introdução ao Antigo e ao Novo Testamento («Prefácio», p. 10). A questão reduz-se a saber como é que a pomba veio a ser símbolo do Espírito Santo na descrição do baptismo de Jesus, embora com matizes de expressão, nos quatro evangelhos. Que significado recebe o Espírito através do símbolo da pomba? Que associações provocava a pomba nos e nas ouvintes, ao tempo que esses textos foram escritos?

A resposta é dada pela história das religiões antigas. «A pomba é o animal atributo por excelência das deusas orientais do amor no 2º e 1º milénio a. C.» (p. 148), seja a deusa Ishtar, Anat, Astarte, Afrodite ou Vénus. Atestam-no selos, moedas e pinturas murais, por vezes em atitudes claramente eróticas, oriundos do Egipto, de Babilónia, da Assíria, de Mari, da antiga Síria e até de Israel (Haçor). Além de símbolo, a pomba é mensageira do amor, não platónico mas erótico (pp. 150-151). A metáfora do *Cântico dos Cânticos* segundo a qual os olhos do/a amado/a são (como) pombas não tem outro sentido: «que se trata aí de amor total, e, portanto, também – e até sobretudo – amor erótico-sensual não ressalta apenas da tradição do símbolo da pomba explanado acima, mas também do contexto e carácter do *Cântico Maior*, que é uma colecção de cantigas profanas» (p. 150). Antecipando a conclusão e seguindo a argumentação do seu mestre O. Keel numa monografia de 1984: como as associações do símbolo da pomba estão presentes em Mac 1,10-11, «aqui o Espírito como pomba, como as pombas da deusa do amor, dá testemunho do amor de Deus por este homem Jesus» (p. 150). Aí está o amor erótico, não o platónico, nem a «caritas» ou «dilectio». «Infelizmente não há hoje o menor rasto nas Igrejas cristãs do erotismo do Espírito Santo» (p. 151). Erotismo e sexualidade caminhavam juntos na esfera dos deuses e das deusas; e era assim no antigo Israel, em que Salomão representou flores de lótus e romãs no templo de Jerusalém (pp. 151-152).

Talvez esta acentuação do erótico tenha levado o bispo (provavelmente acompanhado) a franzir o sobrolho. Compreende-se a mágoa da Autora em ver recusada uma cátedra por causa de um estudo profundo e sério. Já é menos académico insurgir-se em nota contra «os administradores de uma hierarquia eclesial patriarcal», que «se escandalizam com a sensualidade erótica de um símbolo no campo do Espírito Santo» (p. 168).

**José Nunes Carreira**